

**LEITURA EM TEMPOS DIGITAIS: O POTENCIAL DO HIPERTEXTO NO
DESENVOLVIMENTO DO LEITOR INFANTIL**

**READING IN DIGITAL TIMES: THE POTENTIAL OF HYPERTEXT IN THE CHILD
READERS' DEVELOPMENT**

**LECTURA EN TIEMPOS DIGITALES: EL POTENCIAL DEL HIPERTEXTO EN EL
DESARROLLO DE LOS LECTORES INFANTILES**

MARCON, Karina

karina.marcon@udesc.br

UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, SC

<https://orcid.org/0000-0002-3842-5296>

RIBEIRO, Katrielen Cristini dos Santos

katrielencristini@gmail.com

UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, SC

<https://orcid.org/0009-0006-5395-2357>

RESUMO: Dado o contexto comunicacional atual, em que as mídias digitais estão cada vez mais presentes no cotidiano das crianças, este artigo busca analisar o potencial do hipertexto no desenvolvimento do leitor infantil em tempos de leitura digital. Por meio de uma revisão narrativa de literatura, discute o potencial do hipertexto para o multiletramento e procura compreender sua natureza e como este espaço de leitura e escrita está presente na atualidade, além de abordar as diferentes formas em que as mídias digitais se apresentam como aliadas da leitura, seja na difusão da leitura nas comunidades digitais, seja em sua utilização conjunta com a leitura impressa nos processos de ensino e aprendizagem. Os resultados, a partir do recorte realizado, destacam a ausência de publicações que tratam especificamente do multiletramento na infância e do desenvolvimento do leitor infantil.

Palavras-chave: Leitura. Mídias digitais. Hipertexto.

ABSTRACT: Given the current communicational context, in which digital media are increasingly present in the daily lives of children, this article aims to analyze the potential of hypertext in the development of child readers in times of digital reading. Through a narrative literature review, it discusses the potential of hypertext for multiliteracy and seeks to understand its nature and how this space of reading and writing is present in contemporary times. Additionally, it addresses the various ways in which digital media act as allies to reading, whether in disseminating reading in digital communities or in their joint use with printed reading in teaching and learning

processes. Drawing from this selected portion of the study, the results highlight the lack of publications specifically addressing multiliteracy in childhood and the development of child readers.

Keywords: Reading. Digital media. Hypertext.

RESUMEN: Dado el contexto comunicacional actual en el que los medios digitales están cada vez más presentes en la vida cotidiana de los niños, este artículo tiene como objetivo analizar el potencial del hipertexto en el desarrollo del lector infantil en tiempos de lectura digital. A través de una revisión narrativa de literatura, discutimos el potencial del hipertexto para el multiletramiento, buscando comprender su naturaleza y cómo este espacio de lectura y escritura está presente en la actualidad. Además, abordamos las diferentes formas en que los medios digitales se presentan como aliados de la lectura, ya sea en la difusión de la lectura en comunidades digitales o en su utilización conjunta con la lectura impresa en los procesos de enseñanza-aprendizaje. Los resultados, a partir del análisis realizado, destacan la ausencia de publicaciones que traten específicamente sobre el multiletramiento en la infancia y el desarrollo del lector infantil.

Palabras clave: Lectura. Medios digitales. Hipertexto.

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea observa-se o acesso cada vez mais precoce às mídias digitais pelas crianças. Isso ocorre por conta do fácil acesso a recursos tecnológicos como aparelhos celulares e *tablets*, que garantem a conexão com um mundo de linguagens e estímulos que rapidamente capturam sua atenção. Essa facilidade de acesso às telas na infância tem levado a discussões acerca da influência destes dispositivos no desenvolvimento das práticas leitoras em um contexto educacional. Dado que as mídias já são parte comum do nosso cotidiano, levanta-se o questionamento: como as mídias digitais e o hipertexto podem ser apropriados para potencializar o desenvolvimento do leitor infantil na escola? Alguns estudos permitem refletir de forma ampliada sobre essas questões (Rojo, 2010; Soares, 2002; Wolf, 2019; Marcuschi, 2001). Por isso, ao buscar conhecer a atualidade das pesquisas via revisão narrativa de literatura, amplia-se o diálogo em torno do tema, principalmente considerando a especificidade da educação infantil e as inovações tecnológicas presenciadas na sociedade contemporânea.

A evolução dos meios de comunicação na contemporaneidade vem sendo estudada nos campos das ciências da Educação, da Linguagem e da Tecnologia. No entanto, as mídias digitais não substituíram as mídias impressas, e nem se opõem a elas, mas coexistem e permanecem nas práticas comunicacionais cotidianas. Assim, torna-se importante realizar investigações a fim de contribuir para as discussões sobre o desenvolvimento do leitor infantil neste contexto comunicacional.

Diante disso, a partir de uma pesquisa narrativa de literatura, este artigo busca analisar o potencial do hipertexto no desenvolvimento do leitor infantil em tempos de leitura digital. Para isso, primeiramente são trabalhados conceitos centrais como hipertexto, letramento e multiletramentos. Em seguida, são abordados os procedimentos metodológicos que levaram a esta pesquisa e os resultados obtidos, o que permite visualizar uma ótica de literatura na infância. Por fim, seguem as considerações finais e as referências - em que se vive constantemente logado nas mídias digitais.

2 HIPERTEXTO E A RESSIGNIFICAÇÃO DO LETRAMENTO

Em tempos em que as mídias são onipresentes no cotidiano, é comum as crianças terem acesso cada vez mais precoce às telas. Diversos dispositivos como televisores, *smartphones*, *tablets* e *notebooks* facilitam o acesso à internet pelas crianças, que desde pequenas aprendem a deslizar a tela e escolher vídeos e jogos com facilidade. Nisso, é natural surgirem preocupações quanto ao desenvolvimento infantil, em especial o hábito da leitura. Como pontua Pereira (2017, p. 590), apesar das circunstâncias em que são vistas como alienadoras, faz-se necessária uma melhor compreensão do que são as mídias, visto que elas podem ser dispositivos utilizados pelos professores e alunos em suas práticas de leitura.

Termo criado por Theodor Holm Nelson em 1964, o hipertexto é uma forma de escrita eletrônica não linear (Marcuschi, 2001, p. 86). Para Lévy (1993), em termos técnicos o hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Estes nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, sequências de áudios, documentos, sendo estas informações ligadas não linearmente como uma corda com nós, que estende suas conexões como uma rede estelar, de modo reticular. Lévy (1993) explica que a



navegação em um hipertexto significa seguir caminhos em uma rede intrincada, visto que cada nó pode conter uma rede inteira.

Wolf (2019, s.p.) destaca que, se houver o desejo de preparar as crianças para uma leitura com profundidade, seja qual for o meio utilizado, é importante que se acompanhem os impactos crescentes das diferentes mídias. Ao analisar a evolução da comunicação humana, observam-se diversas transições ocorridas ao longo da história, como a tradição oral para a escrita e o surgimento e evolução dos livros. Hoje, vive-se uma nova evolução, a digitalização e virtualização dos processos comunicacionais. Segundo Lemos (2021, p. 32), “a sociedade é hoje refém de plataformas digitais, da lógica da dataficação (como uma modulação da vida pessoal por dados) e da ação opaca e silenciosa dos algoritmos”.

No contexto da escrita, Marcuschi (2001, p. 81) pontua que mesmo que algumas pessoas digam que o computador é uma forma artificial de produção de escrita, ele questiona se existe alguma forma de escrita que seja natural. Afinal, segundo o autor, a prática sociocultural da escrita possui uma história relativamente recente, com sua forma atual não tendo mais do que cinco mil anos. Para Marcuschi (2001, p. 81), o livro, em sua forma impressa, possui cerca de 500 anos. Assim sendo, não deveria haver estranhamento na utilização de um novo espaço de escrita.

Entretanto, isto não significa que as mídias digitais são substitutivas da leitura física ou que são contrapartes, mas os diferentes meios de leitura podem andar juntos. Nos últimos anos, observa-se o advento da internet cada vez mais acessível por meio da popularização dos *smartphones*, em que o acesso a redes sociais e, por conseguinte, a expansão de uma comunidade digital acabam por trazer influências para o cotidiano. Estes fatores fazem com que a necessidade de se estar conectado leve as pessoas permanecerem cada vez mais ligados à rede e, com isso, os livros acabam por dividir espaço com as redes sociais, jogos, vídeos, *memes* e demais coisas possibilitadas pelas mídias.

Isso se deve ao fato de que, enquanto o livro impresso é marcado por uma leitura linear, onde é preciso apenas seguir o fluxo de começo, meio e fim, as mídias são marcadas pelo hipertexto. Nelas, a leitura se desdobra e permite que o leitor tenha acesso a inúmeros outros textos em tempo real.

A reação ao clique sobre um botão (lugar da tela de onde é possível chamar um outro nó) leva menos de um segundo. A quase instantaneidade da passagem de um nó a outro permite generalizar e utilizar em toda sua extensão o princípio da não-linearidade. Isto se torna a norma, um novo sistema de escrita, uma metamorfose da leitura, batizada de navegação. A pequena característica de interface "velocidade" desvia todo o agenciamento intertextual e documentário para outro domínio de uso, com seus problemas e limites. Por exemplo, nos perdemos muito mais facilmente em um hipertexto do que em uma enciclopédia. A referência espacial e sensoriomotora que atua quando seguramos um volume nas mãos não mais ocorre diante da tela, onde somente temos acesso direto a uma pequena superfície vinda de outro espaço, como que suspensa entre dois mundos, sobre a qual é difícil projetar-se (Lévy, 1993, p. 22, grifo do autor).

Assim sendo, o leitor do hipertexto, diante da miríade de informações disponíveis a um clique de distância, despense uma grande quantidade de horas navegando nas mídias digitais. Pereira (2017, p. 593) atenta para a semelhança desse tipo de leitura para o de um texto em um livro com imagens, gráficos ou notas de rodapés. Para o autor, a grande diferença é que o suporte digital confere ao hipertexto uma maior possibilidade combinatória de diferentes linguagens e a rapidez com que elas acontecem. Marcuschi (2001, p. 94) também pontua esta semelhança ao explicar que o conceito de hipertexto sempre existiu como ideia na tradição ocidental, mas o que o autor descreve como "novidade radical" do hipertexto está na tecnologia que permite uma nova forma de textualidade. Afinal, com as vantagens da hipermídia, o hipertexto consegue trazer uma integração de notas, citações, referências, imagens etc. de forma subvertida, redefinindo as funções dos constituintes textuais clássicos.

Santaella (2001, s.p.) pontua que a entrada do século XXI deverá ser lembrada como a entrada de uma nova era para os meios de comunicação, em que todas as mídias sofrem uma transformação para uma transmissão digital, como se repentinamente o mundo inteiro se tornasse digital. De fato, é o que se vive na atualidade. Pesquisa do Cetic.br (2021) sobre o uso da internet por crianças e adolescentes de 9 a 17 anos no Brasil constatou que 20% das crianças tiveram seu primeiro acesso à internet até os 6 anos de idade. Sobre os dispositivos utilizados



para acessar a internet, 40% usam celular e computador, e 53% utilizam apenas celulares. Quanto à frequência de uso da internet, descobriu-se que um total de 80% utiliza mais de uma vez por dia (Cetic.br, 2021). Estes dados mostram que as mídias digitais já estão integradas ao cotidiano não apenas dos adultos, mas também das crianças e adolescentes.

Dado que as mídias fazem parte do dia a dia, é natural que as formas de ensinar se adaptem a essa realidade. Pereira (2017, p. 592) destaca que a escola é um espaço para a democratização, lugar onde devem ser desenvolvidos os processos de educar ou ler o mundo em suas diferentes linguagens. Portanto é interessante a abordagem das mídias, visto que estão presentes na vida diária. O autor aponta que se o mundo apresenta grande parte dos textos sendo criados em diferentes linguagens, é preciso que a escola permita ao educando um maior contato com essas formas de produções: é preciso que o ambiente escolar trabalhe o multiletramento.

Em relação ao multiletramento, Rojo (2010, p. 27-29) salienta que o termo surgiu em 1994, quando um grupo de estudiosos, denominados *New London Group*, se reuniu para discutir as maneiras pelas quais um letramento escolar é constituído considerando um contexto de fatores cada vez mais críticos de diversidade local e conectividade global. A autora explica como a resposta para este questionamento centrou-se no conceito de multiletramento, em que o prefixo *multi* indica a multiplicidade de linguagens e mídias em textos contemporâneos e a multiculturalidade e diversidade cultural.

Para eles, a pedagogia dos multiletramentos está centrada em modos de representação (linguagens) muito mais amplos do que somente a linguagem verbal, que diferem de acordo com a cultura e o contexto e que têm efeitos cognitivos, culturais e sociais específicos. Os multiletramentos exigem um tipo diverso de pedagogia, em que a linguagem verbal e outros modos de significar são vistos como recursos representacionais dinâmicos que são constantemente recriados por seus usuários, quando atuam visando atingir variados propósitos culturais (Rojo, 2010, p. 29).

Em suma, quando se fala em trabalhar os multiletramentos em um contexto escolar, o que se pretende ter é um olhar para as diversas formas atuais de leitura e

ver em como isso se faz importante na formação do leitor. Nesta discussão, a intenção é demonstrar que as mídias podem apresentar novas formas de leitura, sem subtrair ou menosprezar a leitura impressa. Freitas (2013, p. 4) esclarece a ideia ao afirmar:

A tecnologia nos traz possibilidades de leitura que misturam cores, sons, imagens, movimentos, formas, escritas, possibilidades de interagir, escolher, de traçar seu próprio caminho. A leitura em livros impressos continua importante, mas ela traz consigo a tecnologia como uma companhia, com outras possibilidades e conexões.

As tecnologias digitais possibilitam o uso de *e-books* para acesso a um acervo maior de livros, aplicativos de conversa e redes sociais para trabalhar, jogos interativos com comandos e dicas para serem interpretados, vídeos, entre outras diversas opções de hipermídias que, aliadas à leitura escrita, trazem um desenvolvimento mais completo do letramento, visto que trabalham diversos gêneros textuais, aliados a recursos sonoros e visuais. Soares (2002, p. 144) esclarece que “letramento são as práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as consequências delas sobre a sociedade”. Por sua vez, Lemke (2010, p. 456) destaca que, embora tenha havido um tempo em que era possível acreditar que a construção de significados com a língua fosse de algum modo fundamentalmente diferente ou que se podia tratá-lo à parte da produção de significados com recursos visuais, hoje as tecnologias movem os sujeitos da era da “escrita” para a era da “autoria multimidiática”. Além disso, o autor destaca que todo letramento é letramento multimidiático, pois não se constrói significados com a língua de forma isolada, sendo sempre necessário haver uma realização visual ou vocal de signos linguísticos que também carregam significados não linguísticos. “Para funcionarem como signos, os signos devem ter alguma realidade material, mas toda forma material carrega, potencialmente, significados definidos por mais de um código. Toda semiótica é semiótica multimídia e todo letramento é letramento multimidiático” (Lemke, 2010, p. 456).

Ora, sendo o letramento uma prática social de leitura e escrita, vale refletir sobre se as práticas de alfabetização e letramento em sala de aula vêm

acompanhando o desenvolvimento tecnológico da sociedade. Para Daley (2010, p. 482), a palavra impressa propiciou o letramento de pessoas comuns e, nisso, foi eficiente. Porém a priorização da linguagem impressa consiste em ignorar o sucesso de outras tecnologias, como a gravação de áudios, rádio, cinema e televisão, que existem desde os primórdios da impressão da escrita. Essas tecnologias tornaram-se os modos cotidianos do cidadão médio receber informações, de comunicação e de diversão (Daley, 2010, p. 483).

Os alunos estão acostumados com a experiência direta da música como um dos fatores primários para a criação da identidade deles e passam horas jogando no computador em comunidades online. Para resumir, as experiências compartilhadas com os outros seres humanos são, na maioria das vezes, derivadas das imagens e sons contidos nas telas (Daley, 2010, p. 483).

Dessa forma, Freitas (2013, p. 5) enfatiza a necessidade de a escola acompanhar essas mudanças sem tratar as tecnologias como objetos dos espaços escolares. Pelo contrário, as tecnologias podem ser potencializadoras e diversificadoras das formas de ler o mundo. As tecnologias digitais, continua a autora, podem contribuir para o processo de aprendizagem tanto quanto o papel, o lápis e a lousa. Por conseguinte, as tecnologias são aproveitáveis conforme puderem ser apropriadas, pois ter à disposição computadores e recursos tecnológicos em ambiente escolar não garante nem o incentivo à leitura, nem boas práticas pedagógicas em sala de aula (Freitas, 2013). É preciso que os objetivos de determinada abordagem e o recurso a ser utilizado estejam bem definidos.

De nada adianta utilizar o aparato moderno se limitando a fazer coisas velhas de forma diferente. As mais importantes aprendizagens ocorrem quando o aluno está ativamente engajado em participar, projetar, criar e experimentar. A leitura pode ser o espaço para todas essas aprendizagens (Freitas, 2013, p. 5).

Sendo assim, é possível pensar um conceito contemporâneo de leitura, tal como a hiperleitura. Segundo Domingos (2016, p. 118-119), hiperler ultrapassa o ato de apenas ler as hipermídias; significa poder responder da mesma forma, no mesmo

suporte e em conexão com outros hiperleitores. O hiperleitor é o leitor da cultura digital que pratica a leitura do mundo a partir de sua leitura em telas. A autora pontua que a forma como as telas são hiperlidas estende-se à forma como o mundo é lido e compreendido, do mesmo modo que o livro mudou a maneira de pensar e compreender a realidade, a cultura e os valores humanos.

A partir desse ponto, o que se busca tratar é que, atualmente, o letramento vai além de somente ler textos impressos. As práticas leitoras evoluíram e, em consequência, as práticas de ensino precisam se adequar a fim de não desconectarem da realidade. Para além disso, importa que se reflita sobre qual o papel atual do professor em sala de aula, pois o professor não é o detentor do conhecimento quando seus educandos têm o controle de um buscador conectado (Domingos, 2016). Pelo contrário, o professor se torna um mediador de navegação: ele não é mais o suporte, mas o lugar onde os textos se encontram, vindo de todas as direções.

Dominar as múltiplas linguagens de que as mídias se utilizam permite que os alunos tenham uma autonomia intelectual e não sejam meros reprodutores de discursos da classe dominante, apagando suas identidades. A educação os torna seres livres para construir seus próprios discursos. Se temos esse objetivo de libertação, é importante que a escola promova uma mediação no contato com as mídias, que podem ser amarras em uma sociedade de alienação e massificação (Pereira, 2017, p. 593).

Diante da importância desta temática para a educação contemporânea, entende-se a necessidade de buscar estudos que enriqueçam as reflexões sobre o uso de mídias no desenvolvimento do leitor infantil, proposta apresentada na seção a seguir.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para este artigo, optou-se pelo desenvolvimento de uma revisão narrativa de literatura a fim de levantar as discussões contemporâneas sobre a temática. Cordeiro *et al.* (2007) descrevem que, quando comparada à revisão sistemática, a revisão narrativa apresenta uma temática mais aberta, sendo que dificilmente partirá de uma



questão específica bem definida. Ela, por este motivo, não exige um protocolo rígido em sua construção.

À vista disso, para o levantamento de literatura acerca do tema, foi utilizado o repositório de pesquisas *Scielo* a partir dos descritores “hipertexto” e “leitura” e operador booleano AND, dos quais foram selecionados apenas artigos em português, resultando em 11 no total. Não foi definido um marcador temporal específico para esta busca, mas os resultados encontrados compreendem o período de publicação entre 2002 e 2022. É relevante destacar que, apesar da temática atual, poucos foram os resultados encontrados, notando-se a ausência de artigos que trabalhem o multiletramento na infância nesta base de dados.

Dos artigos encontrados, após leitura dos resumos e análise de sua correspondência à temática desta revisão, foram selecionados 5 deles que tratam da relação entre hipertexto e letramento com intervalo de publicação entre 2005 e 2016. No Quadro 1 são apresentados os textos selecionados e suas informações técnicas para fins de pesquisa:

Quadro 1 – Resultados relacionados ao hipertexto e letramento.

ANO	TÍTULO DA PESQUISA	AUTORES	LINK DE PESQUISA
2005	(Hiper)textos ciberespaciais: mutações do/no ler-escrever	COSTA, Sérgio Roberto	https://www.scielo.br/j/ccedes/a/Wv39hSKyWjd7jDGc64Hy3Gh/?lang=pt
2009	Navegar sem ler, ler sem navegar e outras combinações de habilidades do leitor	RIBEIRO, Ana Elisa	https://www.scielo.br/j/edur/a/NTGtVK7QkZwRS3y79X4sLch/?lang=pt
2009	Textos e hipertextos: procurando o equilíbrio	COSCARELLI, Carla Viana	https://www.scielo.br/j/ld/a/BQKxvxwpBQPTDpynwmRnZkH/?lang=pt
2010	Antes, agora, adiante: hipertexto, letramento e mudança	SNYDER, Ilana	https://www.scielo.br/j/edur/a/mCYG9K74qkc5pSPYwt3g8tF/?lang=pt
2016	Multimodalidade e multiletramentos: análise de atividades de leitura em meio digital	BARBOSA, Vânia Soares; ARAÚJO, Antonia Dilamar; ARAGÃO, Cleudene de Oliveira	https://www.scielo.br/j/rbla/a/pM68n9gfxmRZZzVVRzvdSBC/?lang=pt

Fonte: As autoras a partir de <https://www.scielo.br/>, 2022.

A seguir, estão os resultados e a análise da revisão narrativa de literatura, bem como suas contribuições ao desenvolvimento deste estudo. Para a análise dos dados,

buscou-se uma perspectiva que conversasse com a temática abordada neste artigo. Para isso, foi feita uma análise de conteúdo.

4 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

O primeiro artigo é de Costa (2005) que, ao observar que os espaço da internet dispõem de novas formas de escrita e leitura com características específicas que provocam mutações na forma de ler e escrever, visa discutir e analisar essas mutações, visto que trazem novos gêneros discursivos e textuais. Numa perspectiva sócio-histórica, o autor, por meio de um foco de análise enunciativo-discursivo, discorre sobre as novas características linguístico-discursivas e enunciativas que

[...] ligadas ao suporte, à ferramenta e a seus dispositivos, ao modo de comunicação (hiper)textual e ao espaço enunciativo virtual, levaram-nos a apontar o surgimento de novos gêneros, ou seja, o computador seria o mediador que modificaria o discurso e levaria à criação de outros gêneros textuais e a novas maneiras de ler/escrever (Costa, 2005, p. 105).

Ele utiliza três pressupostos para sua discussão: a ferramenta e os dispositivos, a materialidade dos códigos (os recursos utilizados para a criação de um novo código discursivo e cultural como ícones, logogramas, topogramas, *emoticons*, sinais de pontuação, abreviações etc.) e o espaço enunciativo, a internet (Costa, 2005). Por fim, conclui que o computador e a internet não possuem um fim em si mesmo, mas pode-se dizer que as hipermídias estão na ponta do desenvolvimento tecnológico, tanto pelos instrumentos de escrita e pelos textos oferecidos quanto por sua relação social com o usuário (Costa, 2005, p. 112).

Essa perspectiva vai ao encontro da definição de Lemke (2010), segundo a qual letramentos são sempre sociais, visto que se aprende via participação em relações sociais e que suas formas convencionais foram se desenvolvendo historicamente em sociedades particulares e os significados construídos sempre liga os sujeitos a uma rede de significados elaborada por outros. Com isso, o letramento não é um ato passivo (Lemke, 2010, p. 458). É importante a compreensão de que as crianças já fazem parte dessa sociedade cibercultural, o que atesta a necessidade da

utilização das mídias em seu processo de letramento, de forma a conectar a leitura dos textos à sua leitura de mundo.

Por sua vez, Ribeiro (2009), por meio de um estudo de caso, busca mostrar a relação de grupos de leitores com a leitura de jornais impressos e digitais. Partindo do pressuposto de que, cumulativamente, o leitor atual conhece mais formas de leitura do que um leitor de séculos atrás, visto que é possível afirmar que existem leitores que, em contato com práticas constituídas pelo conjunto de técnicas e dispositivos do qual utiliza, aprendem gestos ao longo do tempo (Ribeiro, 2009). Seu estudo é uma pesquisa conduzida entre 2005 e 2008 na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com estudantes do primeiro período do curso de Enfermagem. Este curso foi escolhido por sua grande procura naquele momento, sendo grande parte deles oriundos de camadas desfavorecidas da sociedade e com baixo grau de letramento. Foram divididos em três grupos: leitores apenas de jornais impressos, leitores apenas de jornais digitais e não leitores de jornais.

De início, a pesquisa aconteceu com a manipulação de jornais impressos e digitais por esses grupos. Em seguida, foi aplicado um questionário para aferir o quanto os estudantes absorveram das notícias lidas. Segundo a autora, os dados gerados pelos testes de navegação e leitura, em todos os grupos, sugerem que, independentemente dos textos serem apresentados de forma impressa ou digital, as diferenças de desempenho de leitura estão mais relacionadas à ausência de determinadas habilidades leitoras. A autora explica que os leitores, cujas experiências letradas são mais numerosas e variadas, apresentam melhores desempenhos de navegação e de leitura nos testes, salvo exceções (Ribeiro, 2009, p. 92).

Os resultados desse estudo demonstram que, independentemente dos meios utilizados para leitura, o que torna uma pessoa letrada são suas experiências com a leitura e a forma com a qual ela relaciona o que leu com a realidade da sociedade em que vive. Domingos (2016, p. 115-116) esclarece que a leitura não se restringe à compreensão do verbal escrito e, visto que as práticas sociais dependem das leituras feitas do mundo e do conhecimento do outro, o ato de ler significa o entendimento da sociedade como um organismo que necessita das ações humanas para se transformar positivamente.

Já o estudo de Coscarelli (2009, p. 549) parte da seguinte questão: “até que ponto precisamos tratar o hipertexto de forma diferente do texto no que diz respeito aos fatores de textualidade”. Ao citar uma pesquisa que realizou sobre a leitura de hipertextos, a autora explica que, quando o sujeito é um leitor maduro e conhecedor de tecnologia, ler em formato hipertextual não traz uma compreensão de texto diferente daquela resultada da leitura do mesmo texto em formato contínuo (Coscarelli, 2009, p. 551). Para ela, todo texto é um hipertexto e toda leitura é um processo hipertextual que, estando o texto bem redigido, respeitando as regras de textualidade de seu gênero e sendo condizente com o leitor (se o leitor for um bom leitor), a leitura fluirá satisfatoriamente. Porém, se o texto for mal escrito e o leitor não possuir bom domínio da leitura, o resultado será ruim (Coscarelli, 2009, p. 551).

A autora destaca também que o hipertexto exige habilidades de busca e navegação, o que não é desenvolvido nos educandos, pois não lhes é ensinado a desenvolverem a navegação em textos impressos, buscando informações em jornais, revistas, enciclopédias e bibliotecas (Coscarelli, 2009, p. 553). A autora cita sua pesquisa sobre as relações dos livros didáticos e os ambientes digitais. Nela, concluiu que, apesar de fornecer informações, sugestões e vocábulos de termos referentes à navegação, os livros didáticos não propõem uma reflexão aprofundada entre o impresso e o digital. Coscarelli (2009) finaliza com a reflexão de que, apesar de o hipertexto não exigir uma nova concepção textual, os ambientes digitais exigem novos professores. Será que as escolas e os livros didáticos estão certos em deixar por conta dos pais e dos próprios educandos a tarefa de aprender a lidar com esse novo universo? (Coscarelli, 2009, p. 561).

Além de ressaltar que os meios utilizados para a leitura não são decisivos na compreensão da leitura, mas sim a forma como o texto é lido e interpretado, a autora chama a atenção para a necessidade de integração do digital em sala de aula. Pereira (2017, p. 590-591) pontua a importância de refletir sobre como as tecnologias digitais têm sido apropriadas nas práticas pedagógicas, bem como a necessidade de os professores terem mais segurança no emprego de diferentes mídias em suas aulas. Nesta perspectiva, é possível estreitar as relações entre professor e educando ao propor atividades e formas de incluir as tecnologias em sala de aula, contribuindo para práticas de ensino e aprendizagem mais significativas (Pereira, 2017).

Por seu turno, Snyder (2010) reflete sobre hipertexto, letramento e mudança. Ao considerar a relação entre hipertexto, letramento e mudanças na educação, a autora discorre sobre a evolução do conceito de hipertexto. Além disso, cita o comportamento conservador de alguns profissionais docentes, além dos problemas sistêmicos inibidores dos professores que, apesar de possuírem salas de aula com tecnologias à disposição, encontram-se tolhidos em suas ações por um modelo estático de instituição educacional, que veda a investigação cuidadosa referentes aos novos letramentos e o emprego aberto de novas mídias (Snyder, 2010, p. 264).

A autora salienta a permanência dos livros impressos, indicando que, assim como a televisão não substituiu a imprensa, as máquinas não substituíram a televisão e que se faz necessário atentar para a história e lembrar que a introdução de uma tecnologia de comunicação não torna a anterior automaticamente obsoleta. Snyder (2010) aponta que as pessoas atualmente estão imersas em um ambiente midiático, no qual a imprensa, o audiovisual, a telefonia e o computador estão todos integrados.

Por fim, Snyder (2010, p. 268) descreve a importância dos professores e pesquisadores desenvolverem uma linguagem voltada especialmente às mudanças nas práticas sociais, culturais e textuais associadas ao uso do hipertexto e das tecnologias *on-line*. Quanto aos livros impressos, a autora aponta para a possibilidade de se ver a presença crescente das mídias digitais como oportunidades de ver o impresso com novos olhos. Dessa forma, ela assinala a renovação do apreço pela especificidade do impresso enquanto é trabalhada a articulação de teorias apropriadas para o texto eletrônico. Por fim, a autora escreve que os livros não vão desaparecer, pelo contrário, continuarão mudando, evoluindo de maneiras que permanecerão ensinando e deleitando os leitores (Snyder, 2010, p. 268).

As considerações feitas pela autora corroboram a discussão de que as mídias digitais não são substitutas das mídias impressas, nem são coisas opostas. Como Freitas (2013, p. 4) pontua, não se trata de um debate sobre qual é a forma mais correta de estimular a leitura, mas sim de expandir as possibilidades de uso de múltiplas formas de incentivo à leitura, sendo uma delas com o apoio da tecnologia.

Por fim, o último artigo analisado encontra-se em Barbosa, Araújo e Aragão (2016). Ele trata da promoção de multiletramentos em materiais didáticos multimodais disponíveis em sítios eletrônicos. Seu texto discorre sobre como os avanços da

tecnologia têm facilitado o acesso e a circulação de informações. Aponta como a facilidade em manipular e editar imagens e textos via ferramentas computacionais propicia a confecção de materiais didáticos cada vez mais multimodais, permitindo a inserção de diferentes modos e recursos semióticos (Barbosa; Araújo; Aragão, 2016, p. 624). Entretanto, a reflexão das autoras lembra a necessidade de atentar para a articulação e interpretação de aspectos como reprodução ou originalidade, acessibilidade, concepções ou ideias, mesmo que isso não signifique que as interpretações sejam únicas, visto que sujeitos, ainda que de uma mesma comunidade, podem ter vivências diferentes que os levem a interpretações diversas (Barbosa; Araújo; Aragão, 2016, p. 626-627).

Porém, Barbosa, Araújo e Aragão (2016, p. 630) destacam que, apesar da crescente visualização de materiais didáticos, as práticas pedagógicas parecem não estarem se adequando aos textos multimodais, limitando-se à repetição de metodologias tradicionais, em que o texto verbal ainda predomina. Situações como essa indicam a “negação do potencial da multimodalidade na produção do sentido”, onde o visual é meramente um atrativo da atividade de leitura, visto que o leitor não é incentivado a integração de texto, imagem e recursos semióticos (Barbosa; Araújo; Aragão, 2016, p. 630).

A problemática trazida pelas autoras revela a necessidade de uma reflexão sobre as formas de emprego das mídias de modo significativo para o educando. Pereira (2017, p. 600) destaca que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) ou as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) podem colaborar para uma maior apreciação de leituras emancipadoras. Isso porque a presença midiática possibilita a construção de uma literatura híbrida, ao agregar outras formas de arte como o cinema, a música, as artes visuais. Ela constrói uma literatura hipertextual, proporcionando ao educando uma experiência aumentada do literário.

Com base nos dados levantados, pôde-se observar que, apesar de ser uma temática recente, existem muitas reflexões sobre o impacto das mídias no letramento e em como as tecnologias digitais podem contribuir para o desenvolvimento do leitor. Ao contrário do senso comum, as mídias digitais não são opositoras da leitura impressa, mas podem ser aliadas no processo de letramento.

Assim, constata-se que o conceito de letramento evoluiu juntamente com as tecnologias, visto que atualmente o acesso às mídias está presente no cotidiano, a hiperleitura ganha cada vez mais espaço. Urge então a necessidade de reflexão quanto às formas em que as mídias vêm sendo utilizadas, visto que as práticas de letramento são intrínsecas ao social e, dado que o hipertexto faz parte do contexto social contemporâneo junto com o texto impresso, é natural que se utilizem diferentes meios, inclusive digitais, no processo de letramento infantil.

Os resultados desta pesquisa, apesar de não estarem diretamente ligados ao conceito de leitor infantil, apontam percepções que vão ao encontro de um contexto de alfabetização e letramento de crianças. Silva, Kunz e Queiroz (2021, p. 140-141) destacam a importância da formação dos sujeitos. Ao longo da vida, cada um acumula experiências, conhecimentos e práticas de leitura e escrita que lhes são particulares e é esse processo particular de letramento que poderá capacitá-lo para uma relação mais ativa no seu crescimento pessoal e social.

As mídias já fazem parte da vida cotidiana. Nisso residem as experiências de cada criança que está crescendo e se tornando um indivíduo em contato direto com toda essa tecnologia digital. Cabe aos pesquisadores e às pesquisadoras refletirem e repensarem as formas de alfabetização e letramento, considerando o contexto em que as crianças já não sabem o que é pertencer a um mundo onde era possível simplesmente *deslogar-se* da internet, separando experiências reais das digitais e/ou virtuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A humanidade passa por uma evolução constante. Enquanto um ser em evolução, é natural que as formas de comunicação também evoluam e, conseqüentemente, as formas de ensino e aprendizagem acompanham essas mudanças. A comunicação humana testemunha a evolução da escrita desde os manuscritos ao impresso e, agora, ao digital. Neste processo, o próprio livro impresso viu o surgimento do rádio, da televisão, do computador, da internet e do hipertexto, com sua linguagem não linear, unindo texto, vídeos e imagens, oferecendo um vasto mundo de informações a um toque de tela de distância. A onipresença do hipertexto



no cotidiano trouxe preocupações quanto à possibilidade de as mídias digitais substituírem os livros. Aqui, surge a pergunta: como ficaria o processo de letramento neste novo contexto?

Ora, é importante ressaltar que o rádio e a televisão não substituíram a mídia impressa, mas foram ressignificados e coexistem ao longo dos anos. Nesse contexto, por que seria diferente com a internet? Diante disso, este artigo analisou o potencial do hipertexto no desenvolvimento do leitor infantil em tempos em que a leitura impressa coexiste com a leitura digital e, por conseguinte, mostrou que as mídias podem contribuir para a formação do leitor, visto que, independentemente dos meios utilizados para a leitura, seja ela digital, seja ela impressa, o que torna uma pessoa letrada são suas vivências com a leitura e o modo como relaciona suas leituras com a realidade social. Dessa forma, introduzir uma tecnologia digital de informação e comunicação amplifica as possibilidades de incentivo à leitura.

No entanto, os resultados encontrados também demonstram a necessidade de um maior debate sobre a relação das mídias e o multiletramento na infância. Diante de uma temática que vem sendo amplamente abordada por pais e educadores, faz-se necessário haver uma maior discussão para compreender como as mídias podem ser aliadas no desenvolvimento infantil. A ampliação deste debate pode contribuir para a utilização das mídias digitais em sala de aula, que muitas vezes não ocorre pela falta de reconhecimento do potencial educacional destas mídias digitais ou pelo modelo pedagógico da instituição escolar, que se centraliza em outras metodologias que não envolvem a apropriação de recursos digitais.

Em um contexto escolar, dado que as mídias digitais são parte da vida dos educandos, o letramento abarca também essas novas formas de leitura e escrita. Nesse sentido, o hipertexto pode ser um aliado no processo de letramento e, além do uso de textos impressos, as hiper mídias podem enriquecer o processo de leitura e aprendizado ao unir som, imagem e vídeo ao texto escrito, englobando as diversas facetas do letramento.

Porém, não basta que apenas tecnologias digitais em sala de aula sejam utilizadas, mas que seu uso seja feito de forma a refletir sobre o contexto social do educando, buscando uma prática transformadora, que se comunique com a criança e desenvolva sua autonomia enquanto sujeito reflexivo e crítico. Em suma, no contexto

atual, o letramento vai além da simples leitura de textos impressos. Tendo evoluído as formas de leitura, as práticas de ensino precisam se apropriar dessa evolução, sob o risco de se tornarem desconectadas do contexto atual de letramento: o hiperletramento, em que a leitura de mundo perpassa a leitura das telas, transformando a realidade do leitor.

KARINA MARCON

Professora Associada da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); Doutora em Educação (Bolsista CNPq) (UFRGS), com Doutorado Sanduíche na Universidade Aberta, em Lisboa/Portugal (Bolsista CAPES/PDSE). Mestre em Educação (UPF); Bacharel em Comunicação Social: Habilitação em Publicidade e Propaganda (UPF); Licenciada em Pedagogia (UFSM).

KATRIELEN CRISTINI DOS SANTOS RIBEIRO

Professora Regente do Anos Iniciais do Ensino Fundamental em Balneário Camboriú (SC); Licenciada em Pedagogia (UDESC).

REFERÊNCIAS

BARBOSA, V. S.; ARAÚJO, A. D.; ARAGÃO, C. O. Multimodalidade e multiletramentos: análise de atividades de leitura em meio digital. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 1, n. 4, p. 623-650, dez, 2016.

CETIC.BR. TIC Kids Online Brasil - 2021 Crianças e adolescentes. *Cetic.Br*, 2021. Disponível em: <https://cetic.br/pt/tics/kidsonline/2021/criancas/>. Acesso em: 18 nov. 2022.

CORDEIRO, A. M. *et al.* Revisão sistemática: uma revisão narrativa. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgias*, v. 34, n. 6, p. 428-431, 2007.

COSCARELLI, C. V. Textos e hipertextos: procurando o equilíbrio. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 9, n. 3, p. 549-564, dez., 2009.

COSTA, S. R. (Hiper)textos ciberespaciais: mutações do/no ler-escrever. *Cadernos CEDES*, v. 25, n.65, p. 102-116, abr., 2005.

DALEY, E. Expandindo o conceito de letramento. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 49, n. 2, p. 481-491, jul./dez., 2010.

DOMINGOS, A. C. M. Hiperleitura e leituras: pensando a formação de hiperleitores. *In: RAABE, A. L. A.; GOMES, A. S.; BITTENCOURT, I. I. Educação criativa: multiplicando experiências para a aprendizagem*. Recife: Pipa Comunicação. 2016. p. 109-57.



FREITAS, P. M. *Leitura e mídias: desafios e oportunidades*. Santa Maria: UFSM, 2013.

LEMKE, J. L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 49, n. 2, p. 455-479, jul./dez., 2010.

LEMOS, A. *A tecnologia é um vírus: pandemia e cultura digital*. Porto Alegre: Sulina, 2021.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MARCUSCHI, L. A. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem & Ensino*, Universidade Federal de Pernambuco, v. 4, n. 1, p. 79-111, 2001.

PEREIRA, P. H. Novas tecnologias, mídias e as práticas de leitura do cânone na escola. *Cadernos de Letras da UFF Dossiê: Línguas e culturas em contato*, n. 53, p. 589-607, 2017.

RIBEIRO, A. E. Navegar sem ler, ler sem navegar e outras combinações de habilidades do leitor. *Educação em Revista*, v. 25, n. 3, p. 75-102, dez, 2009.

ROJO, R. *Alfabetização e letramentos múltiplos: como alfabetizar letrando?* Coleção explorando o ensino - Língua Portuguesa, v. 19, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010.

SANTAELLA, L. Novos desafios da comunicação. *Lumina*, Facom/UFJF, v. 4, n. 1, p. 1-10, jan./jun., 2001.

SILVA, G. S. O.; KUNZ, S. A. S.; QUEIROZ, N. L. N. *Vieses da leitura: formação do leitor e sua relação com a leitura*. Letramentos, multiletramentos e educação: leituras de mundo. Catu: Bordô-Grená, 2021.

SNYDER, I. Antes, agora, adiante: hipertexto, letramento e mudança. *Educação em Revista*, v. 26, n. 3, p. 255-281, dez, 2010.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

WOLF, M. *O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era*. São Paulo: Contexto, 2019.

Recebido em 05 de fevereiro de 2024

Aceito em 20 de junho de 2024